



Empresa recusa apresentar contas

**ONGOING DE NUNO VASCONCELLOS
RUIU E JÁ PREPARA SAÍDA DO PAÍS**



EXCLUSIVO Relações perigosas com a Odebrecht

**A EMPRESA QUE LIGA PORTUGAL
AO SOBRINHO DE LULA DA SILVA**



SÁBADO

www.sabado.pt N.º 589 - 13 A 19 DE AGOSTO DE 2015 - €3 (CONT.)



SEXO O QUE ESCONDEM OS NOSSOS ADOLESCENTES

Aumentou o número de parceiros, o consumo de pornografia e a partilha de jogos e vídeos eróticos.

São cada vez mais elas a tomar a iniciativa

O alto valor do medo nas eleições

Como os partidos estão a explorar as emoções dos portugueses para tentarem ganhar votos

Maria Luís Albuquerque

Direito de resposta: "Câmara de Cascais já é caso de polícia" pág. 52



É cenógrafa das montras da Hermès, no Chiado, e já fez intervenções em vários espaços, como os restaurantes Belcanto e o Cantinho do Avillez. O seu último projecto é o Seven, a discoteca de Cristiano Ronaldo, onde colocou um carrusel. Por Sónia Bento

JOANA ASTOLFI

“As montras da Hermès são um trabalho de laboratório”

O seu portfólio tem projectos tão variados como o design de interiores do ateliê Storytellers, no Chiado, do bar Park, na Calçada do Combro, de um *café* de pastéis de nata, em Londres, ou a exposição dos 100 anos da CUF no Barreiro. Todos têm uma história e Joana Astolfi adora contá-las. Nasceu em Lisboa há 40 anos, mas cresceu em Cascais. Filha de um arquitecto e de uma galerista, formou-se em Arquitectura na Universidade de Gales. Estagiuu em Munique e no Porto, até ir para Londres, onde remodelou apartamentos.

Em 2002, Astolfi (o apelido vem da avó paterna, uma aristocrata italiana, de Bolonha) foi a primeira portuguesa a integrar a Fábrica (o centro de pesquisa criativa da Benetton), em Veneza. E foi só em 2004 que a arquitecta — mãe de Duna, de 1 ano, a primeira pessoa em Portugal com este nome — decidiu voltar para Lisboa. A cenógrafa das montras da Hermès converrou com a **SÁBADO** numa das suas lojas preferidas, na Praça das Flores.

A sua última intervenção foi na discoteca Seven. Já tinha feito

1
“A entrada principal do Seven era um espaço morto, que tinha de ser um happening. E surgiu a ideia do carrusel”



Antonio Canova
Joana concebeu a maior exposição escultor do século XVIII, que foi nomeada para o Prémio Nacional de Design Italiano

um trabalho do género?

Só me faltava mesmo uma discoteca... Num espaço de 4 mil m², o meu trabalho só podia ser abordado de uma forma cenográfica, criando quatro ou cinco momentos. O conceito passou por desenhos com luz, porque numa discoteca só sobressai o que tem luz. Descobrimos um cubo muito bonito, que dá para desenhar, e criámos figuras, como flâminhos e nuvens, e frases espalhadas pelo espaço, como “There will be no miracles here”.

Eram quantas pessoas?

A minha equipa tem oito pessoas, que são essenciais para mim. No Seven, fomos seis, entre eles o Thibaut, que é o meu braço-direito, e a Joana Subtil, o braço-esquerdo.

Como lhe surgiu a ideia de colocar um carrusel na entrada?

A entrada principal tinha de ser um happening, uma coisa interactiva. E surgiu a ideia do carrusel, também porque adoro carruséis.

Onde arranjaram o carrusel?

Pus a equipa toda a pesquisar e des-



cobrimos a Jubilo Carrusel, uma empresa de franceses que tem carruséis vintage, lindos, e que nos alugou um.

No ano passado, tornou-se a cenógrafa da Hermès do Chiado. Como é que isso aconteceu?

Havia dois anos que passava por aquelas montras, feitas pelo Filipe Faísca, e pensava: “Isto tem tudo a ver comigo.” Um dia, passei e disse: “É hoje.” Entrei para falar com alguém e saber se havia abertura para uma colaboração. A Mónica Guimarães, que é directora da loja e já conhecia o meu trabalho, disse-me: “Como é que sabia que andávamos a procura de alguém para fazer as montras?”

Houve um processo de selecção? Entreguei o meu portfólio e ao fim de uns dias recebi um *email* de Pa-

ris, da Hermès, a pedir uma reunião. Entrei no concurso já muito atrasado, mas fiz uma primeira montra em Maio do ano passado e perguntaram-me se queria continuar.

Quantas vezes por ano faz as 10 montras da loja?

Quatro vezes, uma por estação. Cada ano, a Hermès tem um tema para tudo, montras, roupa e acessórios. O do ano passado foi a metamorfose e o último foi a *flânerie* (da palavra flâner, passear pela cidade). Entretanto, no dia 17, iremos a Barcelona montar a montra da loja principal da Hermès, no Paseo de Gràcia. Todos os anos convidam um artista e desta vez somos nós.

Quanto tempo demora a pensar numa montra?

Demoramos um mês e meio a pensar e outro mês e meio a produzir.

E em quanto tempo as montam?

Temos 24 horas para as montar e é tudo feito durante a noite. Das 9h de domingo, o dia em que a loja fecha, às 9h de segunda. Como é um trabalho laboratorial, com objectos muito delicados, a equipa toda vai de bata e luvas brancas.

Em 2012, a câmara de Viseu convidou-a para fazer uma intervenção artística em 15 lojas da Baixa...

Foi a minha primeira experiência de montras. As lojas da Rua Direita estavam a morrer e chamaram-me para lhes dar dinâmica numa altura em que decorre um festival que mexe com a cidade. Quando lá cheguei, percebi que era muito complicado.

Porquê?

Porque os lojistas eram pessoas com mais de 70 anos sem a mínima no-

2
A arquitecta, designer e artista foi fotografada na Mobilier, a sua loja preferida de mobiliário vintage, na Praça das Flores



Mais
em sabadop.pt
Veja um extracto da entrevista no nosso site

ção de arte. A equipa toda mudou-se para Viseu, durante um mês e meio. Escolhemos 15 das 60 ou 70 lojas da rua.

E acabou por se tornar fátil?

Sim. Por exemplo, numa sapataria muito fela perguntei ao proprietário se tinha só aqueles sapatos. Quando ele me diz que o prédio todo estava cheio de sapatos, descrevi uma colecção lindíssima, com décadas. Trouxe aquilo tudo para baixo, criei uma caixa de terra onde fiz um cemitério de sapatos, anulando os outros que ele tinha expostos. Vendeu-se tudo. Outro elemento muito interessante foi um lustre enorme, que fizemos na rua só com cuecas.

Também fez uma loja em Londres, recentemente.

Fiz uma pastelaria. O I Love Nata é um projecto de dois portu- **D**

«...ses, que me chamaram porque queriam abrir um espaço no centro de Londres para celebrar o pastel de nata. Já tinham o logótipo, que era péssimo. Eu disse-lhes que não podia pensar em nada com aquele logótipo.

Que conceito criou?

Depois de encontrado o espaço ideal, em Covent Garden, levámos um pouco de Portugal para ali. O chão é em azulejo com padrão geométrico, os tons são os do pastel de nata, amarelo e preto, criámos cadeiras bacalhau, colocámos andorinhas nas paredes e uma ardósia enorme atrás do balcão, para escrever o menu todos os dias.

Antes já tinha feito a conversão de dois autocarros de dois andares numa cafetaria, em Lisboa.

É o Village Underground Lisboa, inspirado no modelo de Londres e que está no museu da Carris. Um é uma cafetaria, o outro é um *meeting point*. Foi uma cirurgia plástica aos dois autocarros degradados, mantendo a essência dos espaços, os bancos, os apliques e a sinalética.

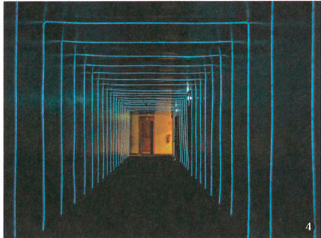
Em 2002, com 27 anos, foi a primeira portuguesa a entrar para a Fabrica (centro de pesquisa criativa da Benetton), em Veneza.

Como conseguiu?

A experiência fez a Fabrica Portfólio Day e alguém me disse que eu devia concorrer. Fui para a entrevista. Entrei numa sala com umas 300 pessoas e dois homens a avaliar. E fui a escolhida. A Fabrica era um *think tank*, numa pequena vila perto de Veneza, só com gente nova, do mundo inteiro, sem vícios criativos, preparada para dar 12 horas por dia de *brainstorm*, sem parar.

Ficou quanto tempo?

Dois anos. No primeiro, estive responsável pela produção de várias colecções de objectos de cerâmica e outros, nada a ver com roupa. Depois, fiz uma exposição, uma antologia da Fabrica. No Japão. No segundo ano, desafiaram-me para fazer a maior exposição de sempre do Antonio Canova [escultor italia-



1 A peça *A Conversa Ainda não Chegou à Cozinha* que fez para o restaurante Cantinho do Avillez

2 Uma das montras de Hermès sob o tema *La flânerie*

3 O lustre feito com cuecas que colocou na Rua Direita, em Viseu

4 Um túnel da discoteca Seven, em Vilamoura, com um desenho de luz interactiva

no do século XVIII. Tive de pesquisar muito sobre a obra dele, que era só o maior escultor depois de Miguel Ângelo.

Como foi?

Todas as semanas lá ia eu ao palacete do curador da exposição em Veneza, com uma maquete debaixo do braço, sentávamo-nos à mesa de uma sala gigante e ele dizia-me: "Joana, atenção. não faças Las Vegas." O que é que ele queria dizer com isso? Eu queria trabalhar com luz, pôr as estátuas a flutuar, coisas que ele não conseguia visualizar e de que tinha receio. Foram meses nisto. No fim, ele amou. A minha vida é assim...

Quando decidiu voltar a Lisboa?

Em 2004, voltei e fiz o meu primeiro ateliê, numa lojinha linda, com 18

m², no Bairro Alto, na Rua das Salgadeiras. Eu tinha um Peugeot pequenino, que estava sempre estacionado à porta, e que servia de armazém das peças. Depois, fui para a Rua da Boavista e a seguir para os Anjos. Agora, estamos em mudanças para um espaço fantástico, na Rua das Necessidades, que era uma antiga padaria.

Quem foram os seus primeiros clientes?

Um foi o António Lemos, que era vice-presidente da TAP. É um coleccionador e tem milhares de objectos porque viaja imenso e traz tudo, de cintas de charutos e saleiros, a lápis e canetas de todo o mundo. Fiz uma mesa linda, de seis metros quadrados, com um tampo de vidro e 28 gavetas antigas, onde coloquei 250 saleiros, como jóias. E com as cintas dos charutos forrei cadeiras e envernizei-as.

Continua a "ressuscitar" gavetas, portas e cadeiras velhas?

Desde pequena que coleciono coisas. Nunca brinquei com bonecas, gostava era de transformar objectos. Partia-os e colava-os de formas diferentes, desenhava por cima das fotografias, etc...

O que faz aos diários e às cartas de amor, de pessoas que não conhece e que também coleciona?

Isso já é o meu lado de voyeurismo puro. Já usei as cartas de amor em peças. Uma delas foi na intervenção de um *hostel*, na Baixa. Eles tinham uma mesa com um tampo de vidro e eu coloquei ali a história de amor do Renato e da Lurdes, através das cartas de amor que eles trocaram nos anos 50.

Sendo arquitecta de formação por que não se interessou por projectar grandes edifícios?

Sou arquitecta, mas não trabalho à escala de aeroportos ou hospitais. Interessa-me fazer espaços únicos. A arquitectura é duríssima, ir à obra todos os dias ver todos os pormenores é muito cansativo. Por isso é que eu preciso do lado do *design* e da arte. ■